

POLES DANCE

DOI: <https://doi.org/10.33871/23580437.2022.9.2.227-234>

Marcos F. Gabriel ¹

O título para este ensaio visual não pretende ocultar, como pode parecer, nossa preocupação com a questão ambiental em sua dimensão político-planetária. Muito pelo contrário, trata-se de que tal como eu, como artista, a compreendo, não é algo simples como dizer que a natureza está sendo destruída pela ação de tais e quais fatores. De acordo com a filósofa Hannah Arendt a humanidade moderna pede por um “ponto arquimediano” (2007, p.260,261) fora da terra no qual apoiar uma alavanca que movesse a própria terra como se esta fosse um mero objeto de nossas preocupações e de nossos desejos, isto é, como se fosse algo que se opõe a nós e a nossa vontade. Nesse caminho de transformar a terra toda no que tudo o mais já se transformou, é que podemos nos expor ao verdadeiro perigo, aquele de desencadear processos não intencionados de consequências fatais.

Este processo global que parece não ter sido ainda nomeado, envolve tanto loteamentos clandestinos nas periferias de nossas cidades, não menos do que os sofisticados desenvolvimentos urbanos sustentáveis, quer no Brasil, quer no exterior, pois são um único processo, afinal.

Nossa série de fotografias, *Poles Dance*, esteve em andamento por seis anos até ser interrompida em 2017. Foi um intervalo de tempo longo o bastante para observar o que acontecia com um desenvolvimento habitacional na periferia de uma cidade média no Estado de São Paulo, uma vez que os trabalhos haviam sido embargados no início da década de 2000. Era uma fazenda de que os proprietários decidiram fazer um desenvolvimento urbano sem a aprovação do poder público e sem todos os cuidados exigidos, mesmo num singelo loteamento popular. Ominosamente, os serviços de distribuição de energia e de iluminação pública haviam sido instalados sem a aprovação da municipalidade. No auge do abandono o pasto voltou a crescer sobre as ruas apenas traçadas por tratores, e o gado voltou a pastar na propriedade como que a prover alguma renda enquanto os proprietários tentavam uma saída para seus problemas. Finalmente, em 2017, taxas e multas foram possivelmente pagas e os trabalhos retomados. Foi quando tirei minhas últimas fotos de rua, de ruas em processo de vir a ser ruas.

Mas surge outra questão, será que uma bela foto deve reproduzir necessariamente a aparência de coisas belas e justas ou pode se dar o contrário? Se a fotografia apenas reproduz a aparência das

¹ Mestrado, em 2003 na EESC USP, dissertação “Pirâmide invertida, poética de Artigas”. 2017, obteve doutorado FAUUSP, “Mário Pedrosa e a arquitetura brasileira: autonomia e síntese das artes”, as ideias do crítico sobre arquitetura. 2021 estágio pós-doutoral FAU USP, “O ‘estilo da modernidade’ de Schinkel ao Werkbund”, estudo da proposição do arquiteto neoclássico de criar-se um estilo da modernidade. Graduado e lecionando em curso de arquitetura e urbanismo, desenvolve também um trabalho em artes visuais, com vários artigos publicados nas duas áreas: Ernesto de Fiori, Franz Weissmann, New Topographics, Mário Pedrosa, Richard Wagner, Vilanova Artigas, Oscar Niemeyer, Meyer Schapiro, Rem Koolhaas, Jean Nouvel. Exposição: TRÍPTICO I, II e III / photographia. In: Jornada de Pesquisa em Arte UNESP PPG IA - 3a. Edição Internacional, 08 a 16 de outubro de 2019, São Paulo: IA/UNESP, 2019. Presidente Prudente, SP, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/3455055856847252>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0802-0896>. endereço eletrônico: marcos.gabriel@unesp.br

coisas, ela não pode ser dita nem bela nem feia, carecendo de uma aparência própria. Se se admite que a aparência da fotografia seja uma e a do objeto fotografado, outra, pode-se admitir que algo feito e triste como um loteamento clandestino possa dar origem a uma foto bela. Mas a este respeito dá-se uma polêmica tão antiga quanto a própria fotografia, sem aparência de que vá pacificar-se. (GABRIEL, 2018, p.171,187).

REFERÊNCIAS

ARENDRT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. 352 p.

GABRIEL, M. F.. A arte fotográfica: inversão e reinversão de valores. *ART&SENSORIUM*, Curitiba, vol. 5, nº2, p. 171-187, 2018.



Figura 1, Marcos Gabriel - Poles Dance nº1, fotografia digital, Presidente Prudente, 2012.



Figura 2, Marcos Gabriel - Poles Dance n°2, fotografia digital, Presidente Prudente, 2017.



Figura 3, Marcos Gabriel - Poles Dance n°3, fotografia digital, Presidente Prudente, 2017.



Figura 4, Marcos Gabriel - Poles Dance nº4, fotografia digital, Presidente Prudente, 2017.



Figura 5, Marcos Gabriel - Poles Dance nº5, fotografia digital, Presidente Prudente, 2017.



Figura 6, Marcos Gabriel - Poles Dance n°6, fotografia digital, Presidente Prudente, 2017.



Figura 7, Marcos Gabriel - Poles Dance n°7, fotografia digital, Presidente Prudente, 2017.



Figura 8, Marcos Gabriel - Poles Dance n°8, fotografia digital, Presidente Prudente, 2017.



Figura 9, Marcos Gabriel - Poles Dance n°9, fotografia digital, Presidente Prudente, 2017.



Figura 10, Marcos Gabriel - Poles Dance nº10, fotografia digital, Presidente Prudente, 2017.



Figura 11, Marcos Gabriel - Poles Dance nº11, fotografia digital, Presidente Prudente, 2017.



Figura 12, Marcos Gabriel - Poles Dance nº12, fotografia digital, Presidente Prudente, 2017.